

## Traços das Lembranças do Brasil <sup>1</sup>

Ernest Wamba dia Wamba <sup>(\*)</sup>

### I

O grande sonho de seguir  
O tortuoso caminho de vida e de morte  
Perpassado, a espada n'alma  
Os antepassados brutalmente arrancados  
De sua terra para o serviço ordenado  
Pelo homem que se crê Deus  
Distante, no desconhecido absoluto  
Enfim realizado....  
Será este um caminho escurecido pelas sombras  
Da morte, semeado de crânios humanos  
Questionadores cheios de angústia  
As órbitas vazias emborcadas para o Céu...  
Ponte submarina feita de esqueletos  
Via-Láctea de cantos de almas atormentadas  
O remorso da responsabilidade distante  
O Caim africano ou o outro  
O julgamento e o coração em férias  
Quando a alma procura retornar  
À Eternidade seu lar...  
Imaginações prodigiosas de sofrimentos  
De torturas físicas espirituais morais  
Os *Zongs* repetidos para o prazer dos tubarões  
Misérias de *kimbangumuna* oh  
O grande milagre de sobreviver à tudo aquilo  
Quase Deus ou traidor absoluto de si mesmo  
Entregar sua vida para recuperá-la  
Os cataclismas ininterruptos  
Sobre a África se derramando  
Sobreviver só pode ser um milagre de Xangô...  
Sobreviventes dos grilhões genéticos  
Dos antepassados forçados a morrer prematuramente

---

<sup>1</sup> Tradução realizada por Arthur Gomes Valle, professor do Instituto Superior de Educação de Itaperuna – Isei/Faetec e da UERJ, doutor em Artes Visuais pela UFRJ e pós-doutorando em Crítica da Arte pela UFF.

<sup>(\*)</sup> Historiador, Filósofo, Diretor-executivo da Aliança Ota Benga e Senador Honorário da República Democrática do Congo. Membro Consultivo das Nações Unidas para a África Central e intelectual engajado na luta pela paz e pela democracia. Esteve em visita ao Brasil em junho de 2008, proferindo palestras a respeito da política contemporânea africana, em diversas instituições universitárias.

Para tornar melhor a vida do homem-deus ou  
Forçados a sobreviver em prol da esperança demasiado longínqua  
Da África e deste homem arrependido.

## II

Na descoberta de um Brasil que toma  
Ardentemente consciência de  
Sua outra história  
A história africana de seus  
Fundamentos complexamente diversos e  
Contraditórios, mesmo antagônicos  
Um grito: a história afro-brasileira senão  
A história meso-brasileira-afro-européia  
As culturas antagônicas inter-destrutivas  
Não se destroem completamente  
Mesmo desigualmente

Elas se interfecundam, se interpenetram,  
É o Samba eriçado em frente ao Pelourinho  
Dos Pesadelos de alguns  
A elevação orgiástica de outros...  
Sobretudo a sua descendência mais enriquecida  
Na ausência de retratos dos trabalhadores forçados...  
Sua invisibilidade culturalmente eloqüente  
Anuncia-se a consciência cultural do despertar  
É necessário apagar a escravidão mental  
Para a democracia racial – Instituto Steve Biko...  
As feridas serão curadas as cicatrizes  
Ditarão as suas exigências...  
O despertar ou o vôo do despertar  
Reclamar e reivindicar esta diversidade contraditória  
Em toda a sua personalidade  
A mistura ou a fusão  
Pelo pertencimento ancestral comum longínquo  
Nem o silêncio histórico nem o ódio da incompreensão  
Nem a traição mútua nem a covardia nem a recusa do arrependimento  
Na verdade libertadora...  
Não pôde apagá-la  
Eu também me reconheci  
Em cada brasileiro...

## III

Partir do fim relativo...  
A vida cintila, em tempo de festa

Em São Luis...  
No *zigurate* de Minas, o templo  
Dos Deuses de origem celeste africana...  
Reproduzidos dos antepassados africanos  
A sacerdotisa Celeste ainda vigorosa  
De fé ardente apesar da idade  
Purgada de todo ódio  
Nenhum ódio do mestre  
Nenhum ódio dos filhos dele  
O professor discípulo de Ogun  
Nenhum ódio  
Nenhuma angústia  
A alegria de ver este africano vindo de longe  
Jubilo das grandes festas  
A alma re-habita o corpo  
Ela testemunha a sua presença  
Os pés, as nádegas, os seios,  
As tetas balançam e balançam... ainda  
As partes do corpo do homem  
Se imagina...  
Reconheço a petulância dos habitantes de Wala  
Congo  
Senão aqui todo homem de Wala com toda mulher  
Em círculo trocando de papel...  
Festas em memória de São João...  
Estamos longe da história a banir  
Mesmo do instinto ou do subconsciente onde  
Tudo era recusado ao escravo  
Seu próprio corpo  
Sua própria língua  
Seu espírito  
Somente este sopro deixando o corpo  
À noite para ter com os Deuses  
As correntes pesadas e grossas  
Não podiam prendê-lo  
Ele estava com Xangô  
Ele estava com Oludumare  
Ele estava com Muanda Kongo  
Ele estava com Nzambi Mpungu Tulendo Dezo  
O corpo com o qual o mestre se deitava  
Não tinha alma um mecanismo sexual  
Como o dia de trabalho  
A alma estava longe  
  
A profetisa de Xangô  
Eloqüente a respeito das agitações que virão

Semear nesta inocente Alyxandra  
Ignorante dos Deuses dos antepassados, aos quais  
É imperativo retornar  
Eu também devo retornar, permanecer mais tempo  
As mesmas agitações profetizadas  
Por Kimbangu Simon Diatunguna...  
Elas se anunciam...

#### IV

As populações mesoamericanas  
Foram massacradas  
Não integralmente  
Sob o peso histórico  
E ecológico  
A descendência inesgotável sobrevive  
Torturados e humilhados absolutamente  
Em grossas correntes  
Os trabalhos pesados de vida e de morte  
Não exterminaram  
Os escravos africanos  
A descendência inesgotável  
Nas favelas  
Mantida ainda sob vigilância

Na ponta do fuzil  
Da polícia militar no Rio de Janeiro  
Nas ruas  
Pouco além  
Sobrevive petulante  
O nivelamento racial pelo mestiçagem  
Não teve êxito completo  
O Brasil é uma síntese  
Povos de três continentes  
Senão da humanidade terrestre  
Os sofrimentos  
A manutenção da morte  
Diante da porta dos humilhados  
E dos massacres anunciados  
Selou a aliança de sangue  
Escravos doentes conduzidos  
Pela floresta para serem enterrados  
E os mesoamericanos solidários  
Face ao egoísmo e à arrogância  
Do mestre de escravos civilizador  
Nascerá o inextinguível quilombo

Direito de terra pela força bruta  
Direito eterno de primeiros ocupantes  
Direito de proteção ecológica dos fugitivos  
Face a face  
Diante da recusa sistemática  
Por uns  
Da humanidade a numerosos outros

V

Olhai o povo de Macapá  
Olhai o povo de Salvador  
O sangue africano, europeu e  
Mesoamericano em suas veias corre  
Senão na língua, no olhar  
Ou na comida  
Síntese desigual, não hegeliana  
Certamente  
Senão fanoniana  
No Rio de Janeiro o povo  
Das ruas e das favelas  
Enfrentando a morte eminente  
Quotidiana  
O ódio egoísta do rico  
Perante o desejo invejoso do pobre  
Em meio à opulência  
Mesmo nas lixeiras do ricos

Em Salvador o povo descendente de escravos  
É relegado, sobretudo à periferia da vida difícil  
Perdura nos espíritos das pessoas  
A escravidão mental  
A angústia mental da descendência mesoamericana...  
A arrogância do mestre  
A síntese igual  
De enriquecimento partilhado  
De história, de cultura e de civilização partilhadas  
De ruas livres sem famintos nem desabrigados  
De multiplicidade racial às universidades para todos  
O futuro mundial do Brasil  
É sustentado pela juventude brasileira?

VI

De uma universidade federal  
A outra...

Bahia, Amapá, São Paulo,  
Rio de Janeiro, Niterói,  
Minas Gerais, Maranhão  
E outras também  
Escola Florestan Fernandes  
PUC  
A juventude intelectual brasileira se abre  
Às suas origens africanas  
Longínquas  
Senão para o controle da mundialização  
Necessária para  
Compreender e amar  
Os cidadãos negros  
Descendentes de escravos  
Desejo ardente  
Louvável  
Conhecer o que é a África  
Contemporânea  
Por que a pobreza indizível  
De um maravilhoso continente  
Escandalosamente rico  
Por que a marginalização  
De um continente  
Na origem de todos  
Berço da humanidade  
Por que a mundialização  
Depois o comércio triangular  
A deixa em desvantagem  
Esta África tão orgulhosa  
Maravilhosas canções  
Fabulosos contos  
Danças sob as estrelas  
A compaixão entre  
Filhos e filhas  
Falsamente felizes  
Uma esperança tão sólida  
Por um futuro melhor  
de reparação de um passado tão trágico  
de sofrimentos singulares  
de grandes lições  
tiradas de áridas condições  
de sobrevivência  
de descendentes dos que escaparam  
do tráfico negreiro  
olhai as cicatrizes tornadas  
genéticas

um corpo que sobrevive  
de uma epidemia atroz  
é um betão armado

Por que  
os malogros das ilusões  
democráticas?  
As palavras comunitárias  
desapareceram  
mesmo o *mbongi* aldeão  
os jovens brasileiros  
imaginam a existência  
ignorada  
da história africana  
aquela feita pelos Africanos  
no mundo inteiro  
aquela feita pelos Africanos  
no novo mundo  
no próprio Brasil  
Nganga Zumbu  
Macandal (Makandala)  
Algures a grande revolução igualitária  
São as massas rebeldes  
Quem fazem a história  
Estes escravos talhando  
Seu caminho na terra sob o Pelourinho  
Este fugitivos na origem de  
Quilombos  
por que  
deixam vestígios  
sem retratos  
dos criadores  
vestígios históricos  
sem criadores reconhecidos

Impossível hoje  
ignorar a África  
nenhuma história das riquezas do mundo  
pode esquecer a África  
os especuladores brasileiros e africanos  
se apressam em lançar as pontes  
entre os dois continentes  
a África  
cada vez mais torna-se  
um continente de famintos  
de alienados culturais

de refugiados de guerra  
transformados em objetos da caridade  
dos ricos  
quem têm medo  
do terrorismo  
das pessoas sem terra  
dada quase de graça  
aos parceiros  
saqueadores e acumuladores  
de seus recursos  
de pessoas sem temporalidade  
tão ignorantes do ontem  
despreocupadas com o amanhã  
quase ninguém  
se mobiliza para se beneficiar  
da presença sobre o continente  
do grande Jean-Bertrand Aristide

Na PUC, as pessoas são apaixonadas  
pela *palabre*  
esta democracia integral  
de antigos Africanos  
a árvore da *palabre*  
árvore da palavra mediadora ou conciliadora  
árvore da palavra suave, sem confrontação  
árvore da palavra que concilia ou reconcilia  
árvore da palavra que une ou reúne  
árvore da palavra que dissolve a tensão, renova a relação rompida  
árvore da palavra que se ouve, se distribui e se exprime  
árvore da palavra que acolhe, pacífica, vivifica e protege  
árvore da palavra que exorciza o coração da violência humana e social  
proibir-se o silêncio  
proibir-se a indiferença  
proibir-se o olhar maldoso, a fala maldosa que divide  
pôr tudo sobre a mesa pública  
pôr a nu tudo o que se oculta  
revelar a bruxaria prejudicial  
detectar a palavra venenosa  
encontrar os provérbios apropriados  
imaginar as belas canções, as belas imagens  
distinguir os sonhos, as visões, os presságios  
tarefas dos filósofos Nzonzi  
árvore da palavra não violenta, não coerciva, não judicial  
não aprisionadora, não exiladora  
árvore da palavra que interessa, engaja, implica as pessoas em conflito  
acusado, vítima, membros das suas famílias e comunidades



mesmo o crime é comunitário  
o indivíduo o carrega pela comunidade  
árvore da palavra que instaura a responsabilidade, o arrependimento, o perdão  
a reconciliação, o interesse, o compromisso, a implicação, o entusiasmo  
árvore da palavra que contêm, domestica e desarma a violência...  
Ela está distante...

Na UEZO os seus estudantes, *Democratizar*,  
tocaram meu coração  
dando alento à minha caminhada...  
a eles dedico estas linhas...

## VII

Olhai a natureza  
Equatorial e tropical  
As árvores de Kisangani presentes  
Aqui mesmo em Macapá  
A árvore musenga em Belo Horizonte  
As ervas de Zabanga, meu feudo  
Aqui em Salvador  
Talvez também os grilos  
Na terra  
Os *nsombe*  
Nas jovens palmeiras  
Os escravos esqueceram  
De trazer os *nsafu*  
As polegadas mesmo  
Nos cabelos das crianças no Rio de Janeiro  
Talvez também o tabaco de mascar  
Um caminhar rumo a nós  
De pessoas fora delas mesmas  
Em plena rua conversando  
Com elas mesmas  
Perto o Grande Mar histórico  
O meu hotel Alah Mar  
na frente da minha janela, majestoso  
Os nasceres do sol de lembranças  
As tempestades quase diárias  
As marchas rituais ao longo da praia....

A seguir...

Ernest Wamba dia Wamba  
No avião de Salvador a Kinshasa.  
1-2 julho 2008.